

*Dr. Aníbal Antonio Cruz Sanzamo,
Vice Presidente (Região Andina) CONFEMEL.
Secretário Geral Colegio Médico de Cochabamba,
Colegio Médico de Bolívia.
Email: aacruzs@hotmail.com
Celular: (591) 77494958.
Cochabamba - Bolívia*

Vou contextualizar um pouco da nossa história, sobre o que aconteceu nos últimos seis anos na Bolívia após a chegada dos médicos cubanos. Após a eleição de Evo Morales, a Bolívia fez um acordo de cooperação com Cuba, que previa a assistência médica cubana em território boliviano.

No mês de fevereiro de 2006, a Bolívia sofreu com severas inundações, especialmente nos municípios de Beni e Santa Cruz, para onde foi o primeiro contingente de médicos cubanos (cerca de 250). Posteriormente, o ministro da Saúde editou uma resolução ministerial que autorizou a prática ilegal destes médicos estrangeiros. Digo ilegal porque existe uma lei nacional que estabelece regras de revalidação do diploma estrangeiro e de residência médica para o exercício da medicina.

Os médicos bolivianos denunciaram o descumprimento legal destes critérios nacional e até internacionalmente. No entanto, o governo não levou em consideração os argumentos apresentados pelo Colégio Médico da Bolívia e, ao contrário, entrou em uma campanha de difamação contra médicos bolivianos, acusando-nos de corporativismo.

Assim é que, supostamente, vieram 2.400 médicos cubanos que foram colocados nos lugares mais remotos, em brigadas de assistência médica. Estes, no entanto, nunca foram distribuídos de acordo com as necessidades do país. Ironicamente, como tem a barreira da língua e as condições geográficas para aqueles que não estão acostumados com o país, os médicos bolivianos foram usados como intermediários no contato com os pacientes.

O que descobrimos é que esses jovens médicos cubanos não tinham treinamento suficiente e que o trabalho era muito mais político, de sensibilização do público e de propaganda do governo de Evo Morales. Em todo esse tempo, as brigadas cubanas tiveram grandes problemas, porque muitos deles usavam este método de entrada no país para, depois, escapar da missão e ir para outros países, principalmente para os Estados Unidos.

Além disso, muitos deles se casaram na Bolívia, pretendendo assim deixar o regime cubano. Surgiram muitas denúncias de negligência que causaram danos à saúde da população. Lembro-me de um caso relatado pela Faculdade de Medicina de Cochabamba, sobre um agricultor que teve o rim removido sem necessidade, após um acidente. O paciente teria sido transferido involuntariamente pelo governo para Cuba, para um transplante de rim e, até hoje (quatro anos depois), não há notícias deste paciente, apesar do escândalo deste caso na mídia. Houve muitos outros casos que foram constantemente denunciados.

Simultaneamente, também foram denunciadas e refutadas falsas estatísticas que tínhamos sobre as realizações de procedimentos realizados por médicos cubanos na Bolívia.

O trabalho dos médicos cubanos tem sido tão desacreditado, ao ponto das pessoas pararem de procurá-los, retornando a buscar apenas os médicos bolivianos. Hoje não temos um relatório preciso do número de médicos cubanos aqui na Bolívia e não há registro dos lugares onde eles estão trabalhando.

Tudo não passou de uma campanha política e não um verdadeiro ato de apoio à Bolívia. O mesmo aconteceu na Venezuela, onde o governo criou o programa Bairro Adentro.

Atualmente, o nosso problema é a chegada de quase 860 médicos bolivianos formados em Cuba, em um programa que começou há mais de seis anos, quando o governo enviou 5.000 jovens bolivianos para estudar em Cuba. Isto tornou-se um problema sério para as escolas de medicina na Bolívia, uma vez que estes jovens de Cuba não são treinados e não cumprem o programa de graduação exigido na Bolívia, para ser validado. O governo está impondo que, por meio do Ministério da Educação, seja dado o título de médicos e, assim, permitir a prática irregular da medicina na Bolívia.

Saudações,